

Michel Duchein

Arquivista, historiador e anglicista, formado pela École des Chartes. Inspetor-geral honorário dos Arquivos da França. Consultor internacional na área de arquivos, foi presidente do Conselho Internacional de Arquivos.

Os Arquivos na Torre de Babel

Problemas de terminologia arquivística internacional

Esta reflexão sobre os problemas e dificuldades da terminologia arquivística internacional tem sua origem na publicação do multilíngue *Dicionário de terminologia arquivística*, pelo Conselho Internacional de Arquivos. As diferenças de teoria e de práticas jurídica, administrativa e arquivística de um país a outro tornam difícil a tradução exata de várias palavras. Até a palavra arquivo, por exemplo, não tem o mesmo sentido na França, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. O artigo chama a atenção dos leitores sobre algumas dessas dificuldades, reunidas nas páginas do *Dicionário*.
Palavras-chave: dicionário de terminologia arquivística; terminologia arquivística.



This reflection on the problems and pitfalls of international archival terminology is prompted by the publication of the multilingual *Dictionary of archival terminology*, edited by the International Council on Archives. Differences of legal, administrative and archival theory and practice from one country to another make it very difficult to give exact translations of many terms. Even the word archives, for example, does not have the same meaning in France, United Kingdom and the United States of America. The article calls the attention of the readers to some of these difficulties, gathered in the *Dictionary*.
Keywords: archival terminology; dictionary of archival terminology.

O DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA

 Conselho Internacional de Arquivos (CIA), após seis anos de trabalho intenso empreendido por oito especialistas internacionais sob

a presidência do sr. Peter Walne, arquivista do condado de Hertfordshire, Inglaterra, e secretário do CIA para publicações, acaba de publicar o muito esperado *Dictionnaire de terminologie archivistique*,¹ chamado a substituir o pequeno *Lexique*² das edições Elsevier

(1964), que foi por muito tempo o companheiro dos arquivistas ciosos de não se limitarem à sua língua natal.

A iniciativa do CIA era ambiciosa e o resultado é impressionante: 226 páginas, 503 verbetes, dois idiomas principais e cinco secundários, além de seis índices. O sr. Walne bem recompensou a comunidade arquivística mundial; seu *Dictionnaire* será, por muitos anos, um instrumento de trabalho indispensável para todas as relações internacionais no domínio profissional.

A importância desta obra justifica, na *Gazette des Archives*, mais que uma simples apresentação. Tendo participado um pouco de sua elaboração (sendo o membro francês do Comitê de Redação o nosso colega François J. Himly), eu mesmo me dei conta dos problemas levantados, dos obstáculos com os quais se defrontou e, de uma maneira geral, das dificuldades metodológicas que engendram toda tentativa de sistematização do vocabulário arquivístico. A terminologia é, de qualquer forma, o reflexo da prática profissional. Se a terminologia arquivística é pouco precisa, é bem a prova de que arquivologia, ela mesma, está longe de ser uma ciência exata; não é ruim que esta obra nos ajude a essa tomada de consciência.

O conceito de “dicionário”

O *Dictionnaire de terminologie archivistique* (DTA) tem por base, como dissemos, dois idiomas principais: o inglês e o francês. Cada um dos 503 termos selecionados é dotado de uma definição em inglês e francês, em duas colunas paralelas, mas o inglês é o idioma

matriz, na medida que os termos em inglês servem à ordem alfabética.

Assim, os seis primeiros verbetes do dicionário são *Abbreviation*, *Access*, *Access date*, *Accession*, *Accession list* e *Account*, correspondendo, respectivamente, às palavras em francês *Abréviation*, *Communicabilité*, *Date de communication* (*Date de communicabilité* teria sido melhor), *Enregistrement des accroissements*, *Registre des accroissements* e *Compte*. Para recuperar a ordem alfabética em francês, é necessário se reportar a um índice (p. 181-186), que compreende algo em torno de 540 termos em francês, que remetem ao número do verbete correspondente (por exemplo, no índice em francês, *Répertoire chronologique* remete ao verbete n. 79 *Chronological inventory*, com a definição seguinte: “repertório enumerando as unidades de arquivamento numa ordem cronológica, às vezes independente da ordem primitiva”.³

O inconveniente desse sistema, para um leitor francês, é que o inglês coloca o adjetivo antes do nome e, conseqüentemente, termos tais como *Microfilmage de complément*, *Microfilmage de consultation*, *Microfilmage de préservation*, *Microfilmage de sécurité*,⁴ que se seguem na ordem alfabética em francês, são espalhados pelo dicionário sob a ordem alfabética de *Acquisiton microfilming* (verbeta n. 10), *Reference microfilming* (n. 398), *Preservation microfilming* (n. 365) e *Security microfilming* (n. 433). Por outro lado, não vejo como este inconveniente poderia ser

evitado, visto que estava acertado apresentar o inglês e o francês em colunas paralelas.

Os cinco outros idiomas – alemão, espanhol, italiano, holandês e russo – apenas aparecem sob a forma de tradução, em seguida às definições inglesas e francesas. Assim, no fim do verbete n. 79 *Chronological inventory/répertoire chronologique*, aparecem as traduções em holandês *Chronologische inventaris*, em alemão *Chronologische Liste*, em italiano *Elenco cronologico*, em russo *Postroennaia po khronologii*, em espanhol *Inventario cronológico*. Cada um dos cinco idiomas tem seu índice alfabético.

A escolha dos termos

O mais difícil num dicionário deste gênero é, sem dúvida, a escolha dos termos a nele figurar, uma vez que coloca o problema das próprias fronteiras da ciência a que pretende servir. Muitos dos termos que o arquivista utiliza na prática cotidiana de sua profissão são de uso corrente, às vezes com um sentido um pouco diferente do seu sentido habitual, como *classement*, *fonds*, *inventaire*, *série*, *versement* (veja-se a sua definição no *Larousse* ou no *Le Robert* para se convencer que o uso arquivístico lhe confere um significado que lhe é próprio).

Mas a arquivologia não é uma ciência isolada. O arquivista é obrigado a ser um pouco diplomata. No total, sobre os 503 verbetes do dicionário, em torno de quarenta são termos de diplomática: é muito, mas menos, de qualquer forma, que no léxico Elsevier de 1964.

Da mesma forma, encontra-se no DTA uma vintena de termos técnicos referentes ao equipamento material de depósitos de arquivos, em torno de setenta termos referentes a fotografia e microfilme e quarenta termos de vocabulário de informática.⁵ Restam cerca de 350 termos de arquivologia propriamente dita, o que é o essencial.

A TORRE DE BABEL ARQUIVÍSTICA

A leitura, mesmo rápida, do *Dictionnaire de terminologie archivistique* revela as dificuldades de tradução neste domínio, em que as armadilhas são inúmeras.

Essas dificuldades provêm de três fontes: primeiro, a imprecisão muito freqüente de definições e de usos nacionais; em seguida, as divergências crescentes de vocabulário no interior de uma mesma língua, entre países homófonos; enfim, o fato da arquivologia ser extremamente ligada aos sistemas jurídicos governamentais e administrativos de cada país e que, por consequência, seu vocabulário reflete todo um conjunto de conceitos que, por definição, dificilmente são transportáveis de um país a outro. Tentemos ilustrar essas dificuldades com alguns exemplos.

A imprecisão dos usos nacionais

Os arquivistas franceses, para citar apenas eles, fazem muitas vezes prova, no uso corrente, de uma imprecisão surpreendente no seu vocabulário profissional. Quantas vezes confundem-se *inventaire* e *répertoire* (mesmo se a definição oficial destes termos seja bem específica),

*tri e échantillonnage, rayonnage e tablette, liasse e dossier?*⁶ Termos como *dépôt e magasin* são praticamente intercambiáveis, assim como *index e table* e mesmo *versement e entrée*.⁷

A publicação, há quinze anos, do *Manuel d'archivistique*⁸ com certeza contribuiu para precisar os usos. Mas estes têm uma vida longa: da mesma forma que se continua a contar em “francos antigos”, ou em “cêntimos”, vinte e cinco anos após a reforma monetária que instaurou o “novo franco”, assim os arquivistas de nosso país continuam a falar de seu “depósito” para designar o serviço que eles dirigem e de “arquivos semipúblicos” para caracterizar as minutas notariais (que são, é bom lembrar, definidas como públicas pela lei n. 18/79, de 3 de janeiro de 1979).

As mesmas imprecisões são encontradas em outros países. Nossos colegas ingleses, em particular, utilizam com frequência termos arcaicos ou obsoletos ao lado de termos modernos, com nuances que não são sempre fáceis de precisar: a palavra *record* é um bom exemplo do que vamos falar novamente.

Os usos nacionais diferentes dentro de uma mesma língua

Consta que Sir Winston Churchill afirmava que a Inglaterra e os Estados Unidos eram dois países amigos, separados por um idioma comum. Em qualquer domínio esta afirmação espirituosa não é melhor verificada que em arquivologia, a ponto do *Dictionnaire* preservar distintas as definições “US” (Estados Unidos) das definições “UK” (Reino Unido), e ver “Canadá” ou “Austrália”.

As diferenças de usos existem em outras línguas: assim, *liasse* diz-se *busta* em Roma, *filza* em Florença, *mazzo* em Turim, *fascio* em Nápoles. Poderíamos acrescentar que nossos colegas belgas francófonos utilizam a palavra *farde*, não retida na definição francesa, o que é pena.

O famoso termo *gestion des documents*, “termo utilizado no Canadá francófono para designar o conjunto de medidas que visam à economia e à eficácia da produção, à triagem, à conservação e à utilização de arquivos, correspondente ao termo americano *records management*” (verbete n. 392 do DTA), é desprovido de sentido na França.

Mas o exemplo mais gritante dos usos nacionais divergentes é o termo *record*, que, em inglês clássico, significa “lembrança” ou “documento que conserva a lembrança de qualquer coisa” e que tomou desde muito cedo o sentido de “documento de arquivo”: diz-se que o Arquivo Nacional da Inglaterra se chama *Public Record Office* e os arquivos dos condados – equivalentes aos nossos arquivos departamentais – são os *County Record Offices*. A tradução inglesa normal de *records* (que encontramos, por exemplo, no Dicionário Harraps) é, então, *archives*.

Ora, nos Estados Unidos, nos anos 1950-1960, começou a prática de reservar o termo *records* para documentos de uso corrente ou semicorrente, quer dizer, quase exatamente aquilo a que chamamos em francês *archives courantes* ou *archives intermédiaires*, em oposição aos *archives* (inglês), definidos como “documentos não-correntes conservados... em razão de seu

valor arquivístico permanente”. Temos, então, aqui, duas definições contraditórias do mesmo termo, já que nos Estados Unidos os *record centers* são depósitos intermediários, enquanto na Inglaterra um *record office* é um serviço de arquivos de pleno exercício. O DTA privilegiou claramente, neste caso particular, o uso americano em relação ao uso inglês, fazendo correr o risco de atormentar os leitores estrangeiros desejosos de compreender os textos arquivísticos ingleses.

Outros exemplos do mesmo problema – sem querer multiplicá-los em demasia: os dossiês de assuntos ou negócios particulares são chamados nos Estados Unidos *case files*, na Inglaterra *particular instance papers*, no Canadá *transaction files* (verbetes n. 63: a tradução francesa “dossier de documentation”⁹ é sujeita à discussão). Os registros de estado civil são *civil registers* na Inglaterra, *vital statistics* nos Estados Unidos. Os arquivos correntes são *current records* nos Estados Unidos, *active records* no Canadá. O *enrollment* (autuação de um documento junto ao escrivão de um tribunal) não existe a não ser na Inglaterra; *forms management* (gestão de formulários) só existe nos Estados Unidos.

Os termos arquivísticos relacionados aos sistemas jurídicos e administrativos nacionais

Se é relativamente fácil traduzir, sem grandes riscos de mal-entendido, as noções também gerais de *classement*, *rangement*, *enliassage* ou *indexage*, o mesmo não ocorre para os termos que estão associados aos sistemas jurídicos e administrativos nacionais.

Assim, a equivalência entre *archives d'État*, *archives centrales* e *archives nationales* proposto pelo DTA (verbetes n. 68) é imprecisa: nos Estados Unidos, os *State Archives* são os arquivos dos cinquenta estados, enquanto que a nossa correspondência para arquivos nacionais seriam, na realidade, os *Federal Archives*; na Itália, os *Archivi di Stato* são o conjunto de arquivos de Estado, compreendendo aqueles que são conservados nas províncias etc.

Não menos aproximativa é a tradução de *local archives* para *archives communales* (verbetes n. 271), sendo que a noção de comuna varia consideravelmente de um país a outro. E que dizer do clássico “falso amigo” *department archives* que é, em francês, *archives ministérielles* (antes de *archives administratives*, como o diz o DTA, verbete n. 129), enquanto que os nossos *archives départementales* seriam, na Inglaterra, os *county records* ou *county archives* ou, ainda, os *provincial archives* ou *regional archives*?

A bem dizer, este gênero de equivalências é tão aproximativo e enganoso que não se vê muito bem o interesse. Recentemente, um colega inglês, que lia um texto arquivístico em francês, me expôs a dificuldade que tinha para traduzir nossos termos *direction* e *division* (no sentido administrativo, organismos ministeriais ou seções de uma grande administração), por não haver equivalente na prática administrativa inglesa!

Às vezes são as noções jurídicas de base que diferem. O DTA consagra sete verbetes aos diferentes valores de arquivos: valor administrativo (n. 14), arquivístico

(n. 27), probatório (n. 170), fiscal (n. 190), de informação (n. 241), intrínseco (n. 247), legal (n. 260): noções indispensáveis na arquivística americana, mas desconhecidas em direito francês.

Pode, a este propósito, surpreender que o DTA não tenha apreendido, no entanto, duas noções clássicas em arquivística moderna em qualquer país do mundo, aquelas de valor primário e valor secundário, designando, respectivamente, o uso específico pelo qual os documentos foram criados e o uso que é feito posteriormente pelos pesquisadores, sociólogos, historiadores e outros.

ALGUMAS ESCOLHAS DO BABELISMO ARQUIVÍSTICO

Evidentemente, é fora de questão, no âmbito de um simples artigo de revista, recensar todas as dificuldades de vocabulário da arquivística internacional. Seria necessário o que ninguém poderia possuir: um conhecimento perfeito da arquivologia de todos os países e de suas línguas. Achar-se-á, a propósito das noções de *archives courantes*, *archives administratives*, *archives intermédias*, *Registratur*, *protocollo*, *records management* etc., uma brilhante demonstração na obra de Elio Lodolini, *Archivistica*, da qual ele, aliás, deu conta.¹⁰

Todavia, a experiência adquirida, após algo em torno de trinta anos, pela leitura e a tradução da literatura arquivística anglo-saxônica e pelo convívio com colegas ingleses, americanos, canadenses, australianos e outros, permite-me assinalar, com brevidade, algumas escolhas particularmente freqüentes, nas quais

estas são termos “falsos amigos”, típicos nas relações arquivísticas entre os idiomas francês e inglês.

Arquivos, documentos, dossiês

Em francês, o termo “documento” tem um sentido bem amplo. A definição dada no DTA (“conjunto constituído por um suporte e pela informação que porta, utilizável para fins de consulta ou como prova”) é, sem dúvida, exata do ponto de vista jurídico, mas muito restritiva na prática: todo escrito é, arquivisticamente falando, um documento, qualquer que seja sua utilidade ou inutilidade. Com efeito, *document* é mais freqüentemente empregado como sinônimo de *pièce*, termo que tende a desaparecer do uso corrente: opõe-se, na prática, comumente, *document* a *article*.

Em inglês, utiliza-se correntemente, para designar o conjunto de documentos de arquivos, a expressão *archival materials*. Seria de fato equivocado traduzir esta expressão por “material arquivístico” ou “material de arquivo” (como já vimos, afinal, mesmo em documentos publicados pela Unesco!), enquanto “material de arquivo” em francês só pode significar “material utilizado pelos arquivos”, quer dizer, o inglês *archives equipment*. “Material arquivístico”, em outros lugares, é destituído de sentido. É preciso, então, traduzir simplesmente *archival materials* por *documents d’archives* ou mesmo, se o contexto se presta, por *archives* simplesmente. (Por exemplo: “o arranjo de materiais arquivísticos é diferente do processamento de materiais bibliográficos”¹¹ traduz-se por “o arranjo de arquivos é diferente daqueles de

bibliotecas". Não esqueçamos jamais que, em francês, a fórmula mais breve possível é sempre a melhor).

Não voltemos ao problema de *archives/records*, mas lembremos, por ser essencial, que em francês o termo *archives* aplica-se aos documentos qualquer que seja sua data, e que, ao contrário da definição americana, não é absolutamente restrita aos documentos "não-correntes, conservados depois ou sem triagem em razão de seu valor permanente" (DTA, verbete n. 33): esta definição, na França, seria aquela de *archives définitives*, termo infelizmente esquecido no DTA, ainda que figure no decreto n. 1.037/79, bem conhecido dos arquivistas de nosso país.

Mais delicado é o uso da palavra *dossier*, que o DTA define como um "conjunto de documentos constituído seja organicamente pela administração de origem, seja pelo reagrupamento por ocasião do arranjo no arquivo". De fato, na prática de nossa profissão, dossiê é freqüentemente utilizado como equivalente a *liasse* ("conjunto de documentos atados ou amarrados") ou mesmo a *chemise* ("folha de papel forte ou cartão fino dobrado em dois, servindo para isolar e conservar os documentos"). Da mesma forma, *sous-dossier* é, com freqüência, usado como *sous-chemise*, que não figuram, nem um nem outro, no DTA.

Arranjo, fundo, série, notação¹²

A operação que consiste em colocar em ordem os documentos numa unidade de arquivamento, as unidades de arquivamento num fundo, os fundos num depósito, se chama *classement*. A definição que se dá

no DTA (verbo n. 35), muito estreitamente calcada no inglês, é um pouco confusa. O equivalente em inglês é *arrangement*, mas eu lembro ter encontrado *classification* com o mesmo sentido (sobretudo na Inglaterra), enquanto o DTA define *classification* como "a preparação de um quadro de arranjo para os arquivos", que é um americanismo.

O *fonds d'archives* ("conjunto de documentos de arquivos de toda natureza reunidos por uma pessoa física ou uma instituição no exercício de suas atividades ou de suas funções") é o equivalente exato do inglês *archives group* ou *record group*. Curiosamente, o DTA não reteve esta equivalência, como se a noção de "fonds" fosse estranha à arquivística anglo-saxônica.

Em compensação, o termo francês *série* é verdadeiramente sem equivalente em inglês. É inexato e equivocado traduzi-lo, como o feito no DTA, por *archive group* ou *record group*. A *série* (tradicionalmente designada, nos arquivos franceses, por uma letra ou um grupo de letras: série A, série B, série AB etc.) é, na realidade, tanto um conjunto de fundos provenientes de organismos aparentados (série U dos arquivos departamentais: conjunto de fundos de cortes e tribunais), como, ao contrário, uma divisão de um fundo (séries dos arquivos comunais, cujo conjunto constitui o fundo comunal), ou uma combinação dos dois. Nenhum desses três casos corresponde a *record group* nem a *archives group*: a arquivologia inglesa ignora simplesmente a noção de série, como ignora aquela de "notação", com a ajuda de um código alfanumérico correspondente a um "quadro de arranjo". Estes são, propriamente ditos, os termos intraduzíveis.

Quanto às *series* inglesas, não são menos intraduzíveis em francês: tratam-se (verbete n. 435 do DTA) de “unidades de arquivamento ou documentos classificados em conformidade com um quadro de arranjo e mantidos junto porque se referem a uma função ou a um assunto dado, que resultam da mesma atividade, que têm uma forma particular, ou em razão de um outro parentesco, dadas as das circunstâncias de sua produção ou de seu emprego!”. Este simples exemplo mostra quanto uma tradução feita por pessoas que ignoram a prática profissional das duas línguas poderia ser geradora de confusão! (Com essa visão, a definição francesa de série, dada no verbete n. 389 do DTA, e que não é outra que a tradução da definição inglesa de *record group*, é totalmente equivocada em relação à arquivística de nosso país).

Arquivos públicos, arquivos privados, “manuscritos”

Na França, a distinção entre *archives publiques* e *archives privées* é claramente estabelecida por lei: são “públicos” todos os arquivos que emanam do Estado, das coletividades territoriais e de estabelecimentos públicos, e mais algumas categorias enumeradas na lei n. 18/79, já citada: todos os outros arquivos são privados.

Isso não é o mesmo em todo o lugar. Assim, na Inglaterra, o termo *public records* tem uma significação muito limitada e não compreende, especialmente, os arquivos dos condados e vilas.

Prudentemente, o DTA se contenta em definir *public archives/archives publiques* por “arquivos definidos pela lei como públicos”,

o que é vago. Infelizmente, ele acrescenta “termo talvez utilizado para designar os arquivos consultáveis pelo público”, o que é (na França, pelo menos) uma heresia.

Quanto aos arquivos privados, importa saber que nos Estados Unidos (e no Canadá) são chamados *manuscripts*. Ora, o DTA, na rubrica *Manuscript* (n. 279), dá como equivalente francês *manuscrit*, o que faz correr o risco de conduzir a temíveis erros de tradução, por exemplo, com relação à questão de *manuscript collections*, *manuscript curators*, *manuscript groups*, que são, respectivamente, em francês, *collections d’archives privées*, *conservateurs d’archives privées* e *fonds d’archives privées*. Trata-se aí, sejamos precisos, de usos sobretudo americanos, mas, mesmo na Inglaterra, a “*Historical Manuscript Commission*” corresponde, de fato, àquela que seria na França uma “*Comission des archives historiques privées*”.

Instrumentos de pesquisa

O conjunto de operações que consiste em descrever os documentos de maneira mais ou menos detalhada, nos instrumentos de pesquisa, não tem nome na França, o que é uma pena. Nossos colegas belgas francófonos dizem, às vezes, “inventariação”. Em inglês, diz-se *description*, termo bem cômodo.

Seria vão procurar equivalentes exatos, de uma língua a outra, entre os diferentes tipos de instrumentos de pesquisa.

Fixemos somente que o instrumento o mais sumário, que descreve os documentos por grandes massas e que nós chamamos em

francês *état des fonds* ou *état sommaire* (terminologia imprecisa na prática), é, em inglês, um *summary guide* ou *summary of records*; que o nosso *répertoire numérique* é mais ou menos a *summary list* (antes que *class list*, proposto pelo DTA, verbe n. 85, que é um americanismo) e que o *inventaire analytique* é, em inglês, o *calendar*: este último termo é traduzido no DTA por *regeste*, termo historicamente exato, mas totalmente desaparecido da prática arquivística francesa atual.

Quanto à palavra *guide* (de arquivos), ela tem, em francês, um sentido muito mais variado e matizado que em inglês; é o que dá lugar às vezes a mal-entendidos, por exemplo, nas traduções da Unesco.

Triagem, eliminação

Tri em inglês é *appraisal* ou *selection* (“falso amigo” típico, uma vez que *sélection* em francês é apenas um tipo de triagem). Na Inglaterra, usa-se com frequência o termo *weeding* (às vezes *culling*, *purging*, *stripping*), cujo equivalente em francês, quase exato, seria “retirada de ervas ruins”, ou *screening* (“*tamisage*”).

Depois da triagem, certos documentos são destinados à destruição (ou eliminação, termos sinônimos em francês). O mesmo termo que em inglês designa esta operação é *disposal* ou *disposition*, mas, na prática (sobretudo nos Estados Unidos), *disposal list* é o *bordereau d'élimination*, e o *disposal schedule* é o *tableau d'éliminables* ou *tableau de tri* (ver verbe n. 394 do DTA, que dá vários equivalentes mais ou menos exatos). Observemos, enfim, que na Inglaterra a destruição é dita

com mais frequência... *destruction*, o que simplifica bastante as coisas.

Conservação, preservação, restauração

Terminemos esta rápida viagem ao país da Babel arquivística pelos termos relativos à conservação material dos documentos.

Os serviços de arquivos anglo-saxões possuem – eles têm a sorte disso – *conservation officers*, técnicos encarregados de tudo o que diz respeito a esta conservação. Sua função é *preservation* (“conjunto de procedimentos e de operações requeridas para a proteção física dos documentos contra os danos e as deteriorações e para a restauração dos documentos danificados”, DTA, verbe n. 364); dito de outra forma, têm a responsabilidade de colocá-los em maços ou caixas, de *magasinage* (termo francês infelizmente esquecido no DTA, que poderia ser traduzido para o inglês por *storage management*), de controle do estado de conservação dos documentos, e de sua eventual restauração.

Diz-se *restoration* para restauração em inglês ou, mais correntemente, *repair* (o ateliê de restauração é o *repair shop*), mas *repair* significa também “estado de conservação” (“*a document in a good state of repair*” é “um documento em bom estado de conservação”: todas nuances boas de serem conhecidas quando se lê um artigo sobre restauração).

A arquivística internacional comparada é, sem dúvida alguma, uma das disciplinas mais apaixonantes e das mais enriquecedoras para a nossa profissão. Ela nos

ensina que, se as bases teóricas da arquivologia são quase universais – em primeiro lugar, o “respeito aos fundos” ou “princípio da proveniência” –, as práticas profissionais, os métodos, o substrato institucional variam de um país a outro em tais proporções que, com muita frequência, a tradução dos textos não pode ser mais que uma aproximação.

É exatamente por esta razão que o estudo dos problemas terminológicos é uma das chaves da arquivologia. Ela ajuda a precisar as noções, a dissipar o vapor do empirismo, obriga a colocar em questão as certezas adquiridas pela rotina. Arquivologia nacional alguma pode igno-

rar os aportes dos outros países. O papel do CIA, para esta tomada de consciência intercultural, é essencial. E é por isso que o *Dictionnaire de terminologie archivistique* será, em todo país do mundo, uma das obras de referência de toda biblioteca de arquivos, esperando o advento de um esperanto arquivístico que não é para amanhã.

Publicado na *Gazette des Archives*, Paris, n. 129, 1985, p. 103-113, sob o título *Les archives dans la Tour de Babel: problèmes de terminologie internationale*. Traduzido do francês por **Silvia de Moura. Os termos em **itálico constam do original**.**

N O T A S

1. *Dictionary of archival terminology/Dictionnaire de terminologie archivistique*, München–New York–London–Paris, ed. K. G. Saur, 1984, 226 p. (ICA Handbook Series, v. 3). Para abreviar, citaremos sob a sigla DTA.
2. Nota da tradutora: INTERNATIONAL COUNCIL ON ARCHIVES. *Elsevier's lexicon of archive terminology* (french, english, german, spanish, italian, dutch). Amsterdam: Elsevier, 1964. 83 p.
3. Nota da tradutora: No original, “*répertoire énumérant les articles dans un ordre chronologique, parfois indépendant de l'ordre primitif*”.
4. Nota da tradutora: No original, respectivamente, microfilmagem de complemento, microfilmagem de consulta, microfilmagem de preservação, microfilmagem de segurança.
5. Estes últimos são para serem completados pelo recente léxico publicado pelo Comitê de Informática do Conselho Internacional de Arquivos: *Elementary terms in archival automation / Termes élémentaires d'informatique appliquée aux Archives*, Koblenz (Bundesarchiv), 1983, 176 p. (em quatro idiomas: inglês, francês, espanhol, alemão).
6. Nota da tradutora: “Quantas vezes confunde-se inventário e repertório (mesmo se a definição oficial destes termos seja bem específica), triagem e amostragem, estante e prateleira, maço e dossiê?”.
7. Nota da tradutora: “Termos como *depósito* e *galeria* são praticamente intercambiáveis, assim como *índice* e *sumário* e mesmo *recolhimento* e *entrada*”.
8. Nota da tradutora: ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS. *Manuel d'archivistique: théorie e pratique des archives publiques en France*. Paris: SEVPEN, 1970. 805 p.
9. Nota da tradutora: dossiê de documentação.
10. Nota da tradutora: LODOLINI, Elio. *Archivistica: principi e problemi*. Milano: Franco Angeli, 1984. 296 p.
11. Nota da tradutora: No original, “*the arrangement of archival materials is different from the processing of library materials*”.
12. Nota da tradutora: No original, “*Classement, fonds, série, cotation*”.